



MANIFESTAÇÃO DA POLIDEZ/CORTESIA NA TOMADA DE DEPOIMENTO DO EX-PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA 24ª FASE DA OPERAÇÃO LAVA JATO

Andre Luiz dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) / Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)

RESUMO

Nosso objetivo é apresentar/discutir os conceitos de cortesia e polidez baseados nos estudos de Goffman (1970), posteriormente retomados por Brown e Levinson (1978), e na proposta de cortesia defendida por Koch e Bentes (2008) para consequentemente evidenciar o emprego das estratégias de cortesia/polidez na tomada de depoimento, interação considerada oclusa à sociedade, como assinalam Andrade e Ostermann (2007). Para tanto, valemo-nos de um corpus constituído pelo depoimento prestado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao delegado da Polícia Federal durante a 24ª fase da Operação Lava Jato, divulgado pela imprensa naquela ocasião, disponibilizado no YouTube e transcrito conforme as normas postuladas por Preti (2003). Nosso aporte teórico tem embasamento nos princípios da Análise da Conversação em interface com a Linguística Forense. Os resultados parciais obtidos em nossa pesquisa apontam em uma direção contrária aos estudos anteriores sobre a tomada de depoimentos realizados por Van Dijk (2015). Para esse pesquisador, as estratégias de polidez e cortesia seriam praticamente ausentes devido ao ato discursivo ser “rigidamente controlado” e ocorrer “a ausência quase total de atos de discurso centrados na regulação das relações interpessoais”. Ou seja, em nossa análise, não só é possível ratificar o posicionamento de Imediato (2018, p. 79) de que o trabalho de face é uma condição da interação e, consequentemente, não poderia estar ausente na interação em estudo, mas também se valida como uma estratégia argumentativo-discursiva mobilizada pelos interactantes durante o depoimento pelo uso de inúmeros recursos linguísticos que expressam a manifestação da cortesia/polidez.

Palavras-chave: Linguística forense; Análise da conversação; Polidez.

ABSTRACT

Our objective is to present and discuss the concepts of courtesy and politeness based on the studies of Goffman (1970), taken up later by Brown and Levinson (1978), and the courtesy proposal defended by Koch and Bentes (2008) in the context of an interaction considered occluded to society, as pointed out by Andrade and Ostermann (2007) - the taking of testimony, since the manifestation of courtesy and politeness in this kind of interaction would be, in Van Dijk's view (2015, p.67), practically absent due to the “rigidly controlled” discursive act and “the almost total absence of speech acts centered on the regulation of interpersonal relations”. To this end, we use a corpus consisting of the testimony given by former President Luiz Inácio Lula da Silva to the Federal Police delegate during the 24th phase of Operation Lava Jato, released by the press at that time, made available on YouTube and transcribed according to the rules postulated by Preti (2003). Our theoretical basis is based on the principles of analysis of conversation in interface with forensic linguistics. The partial results from our studies point in the opposite direction to those postulated by Van Dijk (2015), since the speakers, in their testimony, mobilized innumerable linguistic resources in their speeches that express the manifestation of courtesy / politeness.

Keywords: Forensic Linguistic; Conversational Analysis; Politeness.

Andre Luiz dos Santos é discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás.

E-mail: appleaulas@hotmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.



INTRODUÇÃO

Segundo Burgo e Araújo (2018, p. 189), nas audiências jurídicas, “o modo como os falantes fornecem as informações solicitadas é muito importante, já que suas vidas podem sofrer grandes mudanças no final de um processo”.

Partindo dessa premissa, buscamos analisar a tomada de depoimento, que, nas palavras de Romualdo (2003, p. 233), é “[...] na técnica jurídica considerada um meio de prova, a chamada prova testemunhal [...] sendo a mais comum no processo criminal”.

A respeito desse gênero textual, Andrade e Osterman (2007) a consideram uma interação oclusa à sociedade devido ao seu caráter confidencial – ou seja, raramente é publicizada.

Carapinhas (2010, p. 04), em seus estudos sobre a tomada de depoimentos, corrobora com os estudos anteriores realizados por Van Dijk (2015), uma vez que a pesquisadora também assinala “uma ausência quase total de atos discursivos centrados na regulação das relações interpessoais e a preterição das demonstrações de cortesia” na tomada de depoimento. No entanto, acreditamos que esse tipo de interação, devido às suas características, aflora nos participantes da situação de enunciação a necessidade de se preocuparem com a manutenção da face – conceito proposto por Goffman (1970), retomado e ampliado por Brown e Levinson (1978), pois, no contexto forense, tudo o que for dito pelos depoentes pode incriminá-los.

No *corpus* em análise, destacamos, ainda, que a necessidade de preservação da face do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai além do contexto imediato, isto é, o contexto forense (a possibilidade de se tornar réu/culpado), abarcando também a necessidade de evitar danos tanto à sua imagem pública quanto à imagem do Partido dos Trabalhadores (PT), que, naquele momento, estava envolvido em escândalos de corrupção que vinham à tona por

meio da Operação Lava Jato, considerada a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que já ocorreu em nosso país.

Em outras palavras, o ex-presidente Lula necessitava resguardar a sua face não somente perante as autoridades judiciais, mas também perante seus eleitores e apoiadores, principalmente diante de seus inimigos políticos e da mídia em geral, que, provavelmente, poderiam utilizar seus dizeres para arranhar ainda mais a sua face, desgastando-a diante da opinião pública.

O aporte teórico de nosso trabalho baseia-se nos preceitos da Análise da Conversação em interface com as articulações propostas pela Linguística Forense.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa está alicerçada no método empírico indutivo. Com base em Galembeck (1999, p. 111), o emprego deste método se deve às características que a língua falada apresenta, e são esses atributos que determinam o emprego dessa metodologia própria, uma vez que somente ela é capaz de dar conta das peculiaridades dessa modalidade de língua – a oralidade. Entre essas peculiaridades, podemos citar a fluidez, a falta de planejamento prévio, entre outros.

Ainda na visão de Galembeck (1999), o uso desse método está atrelado ao fato de que os fenômenos mais característicos da língua falada não correspondem “diretamente e imediatamente com as categorias do sistema linguístico (em sentido estrito) e sim com o contexto e a situação de enunciação e com as condições de produção do enunciado” (GALEMBECK, 1999, p. 111).

Ademais, esse estudioso da língua falada assevera que o emprego do método empírico indutivo não deve ser compreendido como:

[...] Recusa de formulações prévias de hipóteses e formalização de dados, [...] [...]



as hipóteses podem ser formuladas desde que correspondam a dados reais emergidos do *corpus* e a formalização deve ser vista como um meio para explicação dos fenômenos, e não um objetivo em si (GALEMBECK, 1999, p. 111).

Para a constituição do nosso *corpus*, utilizamos as tomadas de depoimento do ex-presidente Lula ao delegado da Polícia Federal durante a 24ª fase da Operação Lava Jato, transcrita segundo as normas estabelecidas por Preti (2003).

Vale lembrar que essa tomada de depoimento aconteceu na sede da Polícia Federal, no saguão do aeroporto de Guarulhos (SP). Nesse momento, o ex-presidente ainda não era considerado réu no processo; todavia, houve o emprego da condução coercitiva pela primeira vez – por meio da qual o ex-presidente foi obrigado a comparecer para prestar depoimento. O cenário político-econômico brasileiro nesse período estava bastante fragilizado e beirava o caos devido aos inúmeros protestos que ocorriam por todo o país, exigindo a saída da então presidenta Dilma Rousseff – afilhada política do ex-presidente Lula e, conseqüentemente, representante do PT. Acreditamos que esse breve histórico do momento da enunciação é de grande valia, pois o trabalho de face só pode ser compreendido dentro de uma dada situação de interação e levando em consideração o seu contexto.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1 PRESERVAÇÃO DAS FACES: FACE NEGATIVA E FACE POSITIVA

Segundo Koch e Bentes (2008, p. 25), “no campo de estudos da linguagem, a polidez tem sido associada intrinsecamente à noção de

face”. Segundo Pereira Barbosa (2018, p. 109), essa noção foi proposta inicialmente por Goffman (1970) com base no conceito de *ethos* retórico. E é nesse sentido que Pereira Barbosa (2018) considera a teoria de Goffman como “fortemente retórica em tratar das imagens que são construídas pelos autores nas interações face a face” (GOFFMAN, 1970, p. 110).

Como pontuam Brow e Levinson (1978, p. 6), a concepção de face é “[...] algo no qual há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser constantemente cuidada numa interação”. Em outras palavras, os falantes estão sempre num ringue, em que cada novo movimento linguageiro põe em jogo estratégias linguísticas a fim de evitar qualquer situação que coloque em risco sua face e a do seu interlocutor: é o constante trabalho de preservação das faces.

Brown e Levinson (1978) ampliam o conceito de face alicerçados nos trabalhos sobre cooperação, de Grice (1975), e propõem os conceitos de face positiva e de face negativa. Segundo Galembeck e Carvalho (1997, p. 156), a face positiva refere-se à “face que o locutor gostaria de preservar e ver preservada”; a face negativa, “ao território íntimo que não gostaria de ver invadido”.

Segundo Imediato (2018, p. 79), o trabalho de face deve ser visto simultaneamente como “uma condição da interação” e “processo que permite ao orador¹ construir a sua imagem para um auditório (e) está associado a expectativas e paixões que orientam a avaliação do orador e resultam em uma apreciação simpática ou empática sobre ele”. O pesquisador acrescenta que o trabalho de face é complexo e multidimensional, pois os interactantes necessitam:

[...] Saber bem onde se encontra[m], quem são seus parceiros (termo de Charaudeau), e

falante, seria mais apropriado para evidenciar um caráter mais ativo na troca comunicativa.

¹ Embora compartilhemos da visão desse pesquisador, gostaríamos de ressaltar que acreditamos que o emprego do termo falante, ao contrário de orador



a finalidade interacional; precisa[m] ajustar suas formas de dizer aos espaços de relação; estar atento[s] aos temas propostos/permitidos/interditos, assim como suas direções de problematização; suas formas de julgamento e, ainda, ao socioleto adequado (a boa maneira de falar nessa situação) (IMEDIATO, 2018, p. 81).

Ainda a esse respeito, Silva (1998, p. 112) assevera que “a manutenção da face, tanto a do falante como a do ouvinte, funciona como se fosse regras de trânsito da interação”; ou seja, qualquer movimento linguageiro predispõe os interactantes ao “rompimento de um equilíbrio preexistente entre as partes, ameaçando a autoimagem pública construída pelos participantes da interação”. Dessa maneira, podemos afirmar que, geralmente, os participantes assumem as duas faces da orientação, a “defensiva e a protetora”, e em ambas procuram empregar as estratégias de polidez.

Sobre estas, Fávero, Andrade e Aquino (1998, p. 8) advertem que “não podem ser entendidas de maneira estanque, já que é possível encontrar casos em que elas estejam combinadas, tornando-se difícil decidir qual delas foi utilizada em uma determinada interação”.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81) critica os trabalhos desenvolvidos por Brown e Levinson (1978) quando assinala que eles “reduzem demais a polidez à sua forma negativa”². Ademais, destacamos que, segundo Koch e Bentes (2008, p. 26), o trabalho de Brown e Levinson “tem recebido importantes críticas, particularmente devido ao seu racionalismo e universalismo, e modelos alternativos têm sido propostos”.

² Esses pesquisadores “não consideram que alguns atos de fala também podem ser valorizantes, como por exemplo, o elogio e o agradecimento” (SANTOS, 2016, p. 44).

³ Fenômeno que afeta a imagem do locutor sem danificar diretamente a imagem do interlocutor.

2 POLIDEZ

A polidez não é vista como o único comportamento comunicativo que repercute na imagem social do interlocutor; existem outros elementos que também exercem efeitos sobre a imagem, como a cortesia ou autocortesia³ na perspectiva de Hernandez-Flores (2008). Em outras palavras, a polidez serve tanto para mitigar as ameaças à imagem como também para realçá-las. Para a pesquisadora, “[...] a polidez não é apenas entendida como atos comunicativos que surgem quando a face está ameaçada, mas como tendo uma função mais ampla, que inclui melhoria da face” (HERNANDEZ-FLORES, 2008, p. 683), mas também e principalmente como:

[...] Comportamento comunicativo que confirma a imagem social tanto do destinatário como do falante, visando obter um equilíbrio entre os desejos de imagens de ambos, e a busca de equilíbrio de imagens e é observada no nível dos atos comunicativos realizados durante a interação e tem o propósito de conseguir que essa seja satisfatória tanto comunicativa como socialmente.

Assim, a imagem social está diretamente relacionada com o papel⁴ desempenhado pelo interlocutor em dada situação de enunciação, como acentua Hernandez-Flores (2008).

Ainda na visão da pesquisadora, tanto o papel social como o conceito de face são definidos culturalmente; além disso, estão relacionados na construção identitária de cada interactante. Isso quer dizer que, para ela, o interlocutor “teria consciência de seu papel social e desejaria confirmar esse papel durante a interação e, ao realizar esse movimento, estaria confirmando o papel social e,

⁴ Papéis estes caracterizados socialmente e que, segundo Hernandez-Flores (2008), também estão relacionados tanto às características individuais de cada interlocutor quanto ao contexto e aos atos de fala enunciados durante a interação.



consequentemente, ratificando seu papel como falante” (HERNANDEZ-FLORES, 2008, p. 683). Ademais, “[...] a polidez e as atividades de imagem em geral são fenômenos que devem ser descritos especificamente de acordo com os contextos em que aparecem a fim de dar conta das estratégias usadas e suas consequências sociais e comunicativas na interação (HERNANDEZ-FLORES, 2008, p. 681).

Frente ao exposto, iniciaremos a seguir a análise da tomada de depoimento do ex-presidente Lula, evidenciando como as estratégias de polidez/cortesia desempenham dupla função perante as duas faces da orientação: a defensiva e a protetora,⁵ e acabam atuando como estratégias argumentativo-discursivas empregadas pelos atores sociais participantes da interação em estudo. Consequentemente, também evidenciaremos as atividades de imagem em geral que emergem do fazer jurídico, já que compreendemos o Direito como um fazer que se dá por meio das palavras e é por elas que os agentes do fazer jurídico no contexto forense se persuadem e se seduzem.⁶ Por conseguinte, eles põem em relevo o emprego da cortesia/polidez – trabalho de face – como estratégia de preservação da face e de conquista da audiência.

ANÁLISE DE DADOS

É importante salientar que “[...] a linguagem porta significados simbólicos e sociais [...] os falantes dão-se conta dessa dupla função simbólica da linguagem e valem-se disso para expressar e veicular significados sociais” (MENDES; OUSHIRO, 2012, p. 990). Não obstante, os interactantes têm de conquistar sua audiência e, por isso, precisam

empregar “uma série de estratégias argumentativas que visam a modificar o sistema de conhecimentos e crenças dos participantes da interação” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1998, p. 1). Entre essas estratégias argumentativas, destacaremos o papel das estratégias de polidez/cortesia.

Antes de iniciarmos nossa análise, gostaríamos de enfatizar que, neste trabalho, não nos interessamos pelas ideologias políticas do agente político analisado, mas sim por suas estratégias languageiras.

No primeiro recorte, podemos observar uma peculiaridade do discurso em contexto forense: o interactante, ao dirigir sua palavra, não a dirige a um único interlocutor, não fala somente “ao outro”, como pontua Charaudeau (2016, p. 71), mas para diferentes/variados “outros” – como, por exemplo, ao juiz, ao júri e, nesse contexto específico, aos adversários e aos companheiros políticos, aos eleitores e à mídia – produzindo, consequentemente, múltiplos efeitos de sentido, como seduzir, persuadir, preservar a face e fazer política.

Por meio do enunciado em negrito, conseguimos perceber que o falante reconhece que seu dizer ultrapassará o espaço do contexto forense no qual a interação ocorre entre o depoente, o advogado de defesa e o delegado da Polícia Federal – quando o ex-presidente Lula afirma que seu depoimento servirá para “esclarecer as coisas para as pessoas”. Segundo nossa análise, essas “pessoas” não se referem aos interlocutores presentes na interação em contexto forense, mas aos interlocutores *in absentia*⁷ e, em especial, a seus eleitores e apoiadores, os quais, naquele momento, colocavam em cheque sua inocência

⁵ Termos empregados em estudos anteriores sobre o trabalho de face por Silva (1998, p. 12).

⁶ “Seduzir e persuadir” são compreendidos, neste texto, com base em Charaudeau (2016, p. 10).

⁷ Dentro da situação de interação analisada, entendemos por interlocutores *in absentia* todos aqueles que, não estando presentes no momento da interação, tiveram acesso a ela – a saber, a mídia, os eleitores, os apoiadores e os adversários políticos.



diante dos fatos apresentados pela justiça e expostos pela mídia.

Ademais, destacamos o emprego do marcador discursivo “sabe”, que tem como objetivo trazer o outro para o seu discurso e envolvê-lo de maneira polida e cortês, transformando-o em cúmplice do seu dizer. Ao lançar mão dessa estratégia, segundo Chafe (2001, p. 679), “o locutor sinaliza ao ouvinte que ele dirá algo que, de alguma maneira, já é esperado/ sabido”; isso funciona, nesse caso em especial, como uma maneira de construir/reforçar a imagem de que o depoente está aberto a responder a todas as questões solicitadas, a esclarecer quaisquer dúvidas, ou seja, tenta mostrar à sua audiência que tanto ele quanto seu adversário nessa situação de interação possuem os mesmos objetivos, qual seja, esclarecer os fatos.

R1:

É por que... **sabe** o que acontece tem muita coisa para contar... **se a gente não explicar para as pessoas...**

No próximo recorte, o depoente emprega o procedimento de autoelogio para construir, explicitamente, sua imagem positiva perante a audiência – ressalta suas próprias qualidades e, por conseguinte, constrói a imagem de que só está nessa posição (de depoente) porque está sendo perseguido e, conseqüentemente, injustiçado por falsas acusações. O motivo dessa injustiça seria o fato de que, durante seu mandato, teria conseguido distribuir melhor a renda e retirar milhares de pessoas da pobreza.

Em outras palavras, ao realizar essa enunciação, o ex-presidente Lula elege um adversário virtual e o apresenta como responsável pela situação de interação em análise (o depoimento); logo, as palavras de Charaudeau (2016, p. 93) corroboram nossa

análise de “construção de uma imagem de combatente que procura galvanizar suas tropas”. Essa estratégia de identificação da fonte do mal é efetivada por meio do autoelogio, sem mencionar explicitamente à sua audiência quem seria essa fonte, e pode ser considerada uma estratégia de preservação da face.

R2:

Eram pessoas que viviam na pobreza ganhavam menos do que... eu não sei... se eram dois ou um dólar por dia... e NÓS conseguimos fazer essa revolução fazendo com que chegasse um pouquinho de dinheiro na mão do pobre desse país...

Ainda nesse recorte, é possível observar o uso do pronome pessoal na primeira pessoa do plural, “nós”, conhecido como o “nós” majestoso – empregado, aqui, com o intuito de atenuar a ameaça à face que pode surgir de um autoelogio.

No próximo recorte, é possível observar o emprego da ironia, que, nas palavras de Cherubin (1989, p. 41), trata-se de uma figura de linguagem empregada para afirmar o oposto do que acreditamos ser verdade e com certa dose de sarcasmo. Isso ocorre por meio do vocativo “querido”, empregado pelo ex-presidente Lula para se dirigir ao seu interlocutor.

Essa estratégia é empregada com o intuito de provocar o adversário, aqui representado pela figura do delegado da Polícia Federal e, conseqüentemente, arranhar sua face. A nosso ver, essa ameaça à face ocorre de maneira cortês e polida, velada, não direta, e parece confirmar o dito popular “cortesia demais ofende”, como já pontuado nas pesquisas de Álvarez (2007).



R3:

Aí não sei querido...

Nos excertos a seguir, pretendemos evidenciar o uso de certos elementos linguísticos empregados pelo ex-presidente Lula com o intuito de preservar sua imagem – por exemplo, “eu não sei se...”, “eu sei que acho...”, “acho que”, “ não me lembro...”, “olha, se não me falha a memória”, “ eu penso... não sei se...”. Essas expressões linguísticas, conhecidas como modalizadores de certeza, são empregadas quando o locutor realiza “uma apreciação subjetiva de um objeto ou situação”, conforme asseveram Burgo, Ferreira e Storto (2011, p. 47); Nesse viés, o dono do dizer não pretende ou não quer se comprometer com o que proferiu e, assim, “estaria apenas arriscando uma afirmação da qual desconhece a verdade” (BURGO; FERREIRA; STORTO, 2011, p. 47).

R4:

... não me lembro deve ter sido...

R5:

Olha... se não me falha a memória...

R6:

Eu não sei se ela começou a exercer ...aí eu não tenho certeza...pode perguntar para ela...

R7:

Eu não conheço... mas sei que acho que é do... o meu filho... acho que do sócio dele...
G4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos observar nos excertos analisados, os interlocutores empregam diversas estratégias de polidez/cortesia – elementos que compõem o trabalho de face, aqui visto como condição inerente da interação e como constituinte do “processo que permite ao falante construir sua imagem para seu interlocutor e estar associado às expectativas e paixões que orientam a avaliação do orador e resultam em uma apreciação subjetiva simpática ou empática sobre ele” como já assinalado nos estudos de Imediato (2018, p. 79). Assim, os interlocutores se servem das estratégias de polidez/cortesia como tática argumentativo-discursiva para persuadir/seduzir o auditório e também defender-se e proteger-se de ameaça à sua face/imagem pública.

Ainda no contexto forense analisado, acreditamos que o emprego das estratégias de polidez/cortesia emergiu não somente devido à preocupação com a situação de interação face a face, ou seja, com os interlocutores presentes no local da tomada de depoimento, mas principalmente com os interlocutores *in absentia* diante da possibilidade de o depoimento – gênero textual considerado ocluso à sociedade⁸ – tornar-se público, como, de fato, veio a ocorrer por meio do vazamento e da ampla divulgação pela mídia, assim como do seu emprego como prova criminal, que poderia transformar o depoente em réu durante o processo.

Por último, gostaríamos de asseverar as palavras de Charaudeau (2016, p. 20): “analisar o discurso não consiste apenas em repertoriar temas e pôr em evidência as ideias que se repetem”, é ir além e trazer à baila as estratégias argumentativo-discursivas empregadas pelos atores sociais participantes da situação de interação.

⁸ Termo empregado por Andrade e Ostermann (2007).



Assim, poderemos perceber todas as teias que se entre/tecem e inter/tecem nesse palco que é o Direito e o contexto Forense – que muitos ainda teimam em ver como espaços de uma linguagem transparente e de significado único, onde o foco ainda é a palavra escrita e de significado único, literal, onde ainda falta espaço, um olhar para o modo como as palavras são ditas ou silenciadas.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, A. **Cultura e cortesia**. 2007 (mimeo).
- ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. O interrogatório policial no Brasil: a fala institucional permeada por marcas de conversa espontânea. **Caleidoscópio**, v. 5, n. 2, p. 92-104, maio/ago. 2007.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- BURGO, V. H.; ARAÚJO, C. P. E. O princípio da cooperação em audiências judiciais: as máximas conversacionais em casos de violência contra mulheres. **Cadernos Discursivos**, v. 1, n. 1, p. 189-204, 2018.
- BURGO, V. H.; FERREIRA, E.; STORTO, L. Expressões e termos da língua falada sob a luz da análise do discurso. In: BURGO, V. H.; FERREIRA, E.; STORTO, L. (Orgs). **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias**. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 35-56.
- CARAPINHAS, C. A linguagem nos “bancos dos réus” – alguns aspectos da linguística jurídica. **Ciclo de Seminários do CELGA**, Coimbra, março de 2010.
- CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OSLOM, D. R.; TORRANCE, N.; HILDAYARD, A. (Eds). **Literacy, language and learning: the nature and consequence of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 105-23, 1985.
- CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Trad. Ângela M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHERUBIN, S. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Enio Matheus Guazell, 1989.
- FÁVERO, L.; ANDRADE, M. L.; AQUINO, Z. Discurso e interação: a polidez nas entrevistas. **Atas do I Colóquio Internacional “A investigação do português em África, Ásia, América e Europa: balanço crítico e discussão do ponto atual das investigações”**. Berlim: [s. n.], 1998.
- GALEMBECK, P. T. Metodologia de Pesquisa do Português Falado. In: RODRIGUES, A. C. de S. *et al.* (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, p. 109-19, 1999.
- GALEMBECK, P. T.; CARVALHO, A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo. **Projeto Nunc São Paulo**, v.1, p. 830-48, 1997.
- GOFFMAN, E. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.
- HERNANDEZ-FLORES, N. Cortesía y otros tipos de actividades de imagen: significado comunicativo y social em um debate televisivo. **International Pragmatics Association**, p. 681-706, 2008.
- IMEDIATO, W. Face, imagens de si e posturas enunciativas. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. M. (Orgs.). **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 71-92.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**. Princípios e métodos. Trad.



Carlos Piovenzani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, D. (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 19-48 (Projetos Paralelos - NURC/SP; v. 9).

MENDES, R. B; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.

OLIVEIRA, J. A. Polidez, a virtude do simulacro. **Uniletras**, n. 21, dez. 1999, p. 1-7.

PEREIRA BARBOSA, R. S. Inter(faces): uma releitura retórico-problematológica da relação entre *ethos* e face em um discurso político. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. M. (Orgs.). **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 109-128.

PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 6 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

ROMUALDO, E. C. O discurso relatado em depoimentos da justiça: formas e funções. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, v. 25, n. 2, p. 233-40, 2003.

ROSA, M. M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

SANTOS, A. L.; SOUZA, J. P. J. As particularidades do inglês falado na construção da imagem da drag queen americana. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, L. A. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, D. (Org.) **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998, p. 109-30. (Projetos Paralelos, 3).

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. 2. ed., 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANTOS, A. L. Manifestação da polidez/cortesia na tomada de depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 24ª fase da Operação Lava Jato. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 77-85, 2020.